

ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

A IMITAÇÃO EM ARISTÓTELES

Carlos de Almeida Lemos
Pesquisador Associado do Laboratório OUSIA
Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO: Em oposição ao seu mestre Platão, Aristóteles vê a imitação (*mimesis*) de modo positivo. Para ele, trata-se de um processo que é compartilhado tanto pela natureza, como pela arte; é dessa forma que interpretamos a famosa afirmação de que “a arte imita a natureza”. Assim, em lugar de associar a imitação ao falso e enganoso, a imitação da natureza por parte da arte não é um retratar, realizar uma simples cópia do real, mas um fazer como, produzir à maneira de (imitar um processo). Imitação como produção. A distinção estaria no caso de que a natureza teria um princípio interno, enquanto a arte um princípio externo e accidental. Através de uma significativa parte de sua obra Aristóteles contemplou a mimese, particularmente na *Poética*, analisando nela aspectos diversos, chegando a refletir sobre a possibilidade de a imitação não só reproduzir coisas que são produzidas na natureza, mas também permitir ao homem se ajudar e completar para si aquilo que a natureza não lhe proporciona.

PALAVRAS-CHAVE: imitação, mimese, produção, falso, arte, natureza.

ABSTRACT: In contrast to his master Plato, Aristotle sees imitation (*mimesis*) positively. For him, this is a process that is shared both by nature and by art; that is how we interpret the famous statement that "art imitates nature." Thus, instead of involving the imitation with false and misleading, the imitation of nature by art is not to make a picture, a simple copy of reality, but to do like, to produce in the manner of (to imitate a process). Imitation as production. The distinction would be in the case that nature would have an internal principle, as well as art an external and accidental principle. Through a significant part of his work Aristotle contemplated mimesis, particularly in the *Poetics*, analyzing various aspects in them, getting to reflect on the possibility of imitation not only to reproduce things that are produced in nature, but also allow the man to help and complete for himself what nature does not give to him.

KEYWORDS: imitation, mimesis, production, false, art, nature.

Talvez se possa dizer que para compreender a noção de imitação (*mimesis*) em Aristóteles, enfocá-la apenas a partir da *Poética*, seria limitar não só o alcance da noção na obra do filósofo, mas também a sua aplicação, que não está restrita ao campo da literatura e das belas-artes, mas se estende a outras artes ou técnicas. Este artigo se propõe a contemplar o conceito geral de imitação conforme é exposto variadamente pelo discípulo de Platão. Os lugares onde Aristóteles trata da imitação são, além da *Poética*, dois da *Física*, um dos *Meteorológicos*, um da obra (com quase toda certeza espúria) *Sobre o mundo*; nestes

Lemos, Carlos de Almeida
A imitação em Aristóteles

detidamente, e mais rapidamente no *Protréptico*, na *Retórica* e na *Metafísica*. Em todas essas obras o que se analisa é a relação da arte com a natureza.

Na *Física*, é esta a definição que Aristóteles dá para natureza (*phýsis*); “um princípio de movimento e repouso para a coisa na qual se acha imediatamente e por essência e não por acidente”; enquanto que a arte, ou seja, a causa das coisas produzidas (*poioúmena*), é um princípio de movimento accidental, que pode ser um princípio fora de si (as belas-artes) ou um princípio em si (um médico que se cura). Os físicos pré-socráticos, ao tentarem explicar a natureza, a ligaram à matéria de que uma coisa é feita; por outro lado os “amigos da forma” (ou ideia, os megáricos) consideram que a natureza é a forma, a ideia. Aristóteles uniu a matéria e a forma para explicar a natureza; a forma é concebida como princípio de uma substância concreta na qual há uma matéria formada, e aí, a partir dessa concepção, é que se poderia talvez tentar entender a famosa afirmação aristotélica de que *a arte imita a natureza*. Se a natureza, portanto, é matéria e forma, como interpretar a afirmação de Aristóteles de que a arte imita a natureza? Como se articulam na arte, essa matéria e essa forma? Que aspecto da natureza é imitado pela arte, a forma ou a matéria? Ou seriam apenas as semelhanças do objeto natural com o artificial que legitimariam o estatuto da arte imitativa? Parecem ser essas as questões levantadas pela afirmação, se colocada em relação às definições de natureza vistas acima, que incluem algumas das noções básicas do pensamento aristotélico (movimento, matéria e forma). Outros problemas podem surgir quando se nota que, para Aristóteles, uma arte como a arquitetura é considerada imitação, como está na *Física* (199a 15), e o que pode parecer extremamente bizarro para o pensamento atual, também é imitativa, para ele, a arte culinária. Com esses exemplos e aquelas definições pode-se concluir que, se para Aristóteles, a arte imita a natureza, o seu conceito de imitação merece que seja investigado de maneira ampla, além dos limites dessa obra de tamanha repercussão que é a *Poética*.

Para começar, a relação entre arte e natureza mediatizada pela imitação não é uma noção introduzida por Aristóteles; ela pode ser facilmente rastreada no mito platônico do demiurgo (em Iris Murdoch¹: “Há somente um artista verdadeiro, Deus, e somente uma obra de arte verdadeira, o cosmo”). De fato, tanto na *Física*, como na *Poética*, a imitação da natureza por parte da *tékhnē* (arte) aparece como uma noção evidente ou já suficientemente demonstrada; o termo *mímesis* é introduzido como expressão de uma verdade já conhecida, sem nenhuma preocupação da parte de Aristóteles em explicá-lo. Os conceitos de matéria e forma trazidos como problema para o confronto entre arte e natureza podem ser

¹ *The fire and the sun*, 1977, p.49

Lemos, Carlos de Almeida
A imitação em Aristóteles

esclarecedores para se tentar determinar que significado tão evidente para Aristóteles fosse esse; se não se chegar a uma conclusão satisfatória, será ou por extrema dificuldade do assunto ou a natureza defeituosa da investigação.

Não se pode, talvez, entender a natureza como simples objeto ou modelo que é reproduzido pelo artista. Essa concepção, no entanto, não deixa de refletir um aspecto da questão, e também não deixa de levantar muitos problemas. Em primeiro lugar, esse é um dos pontos de atrito do esforço contido de Aristóteles contra a sua herança platônica. Em Platão, a teoria mimética enfatiza os objetos imitados, que são os motivos das inquietações morais de Sócrates, por exemplo, na *República*. Para Aristóteles, que não deixa de pagar o seu tributo ao objeto, no cap. IV da *Poética*, em que dá à imitação um sentido literal de reprodução, não significando o termo mais do que *macaqueação* (“reproduzido com fidelidade minuciosa”), a questão do objeto imitado é superada pela natureza dinâmica e orgânica (noções de crescimento e movimento) de seu pensamento, que estaria mais voltado para os problemas que surgem da existência de um objeto produzido. Segundo a observação de Krieger²: “Embora ele aceitasse a posição central do termo ‘imitação’ de Platão, Aristóteles foi impelido a acomodar esse termo dentro da moldura da sua própria filosofia do processo”. Genette³ observa que Aristóteles encontrou uma solução que considera, radical, transformar o objeto produzido em glosa da imitação. É nessa linha que se desenvolve a análise de Gianni Vattimo⁴, que dá a um trecho da *Física* a interpretação que considera a imitação da natureza por parte da arte não um *retratar*, mas um *fazer como, produzir à maneira de* (imitar um processo). Imitação como produção.

Assim, natureza teria um princípio interno, enquanto a arte um princípio externo e acidental em relação ao movido, mas, como a natureza, a arte tem que fazer, produzir, com matéria e forma, e esta é a analogia que liga a arte à natureza. Mac Keon chega a apresentar a seguinte fórmula, segundo Krieger, prejudicada por um mecanicismo primário: “A arte imita a natureza, a forma que se une à matéria no mundo físico é a mesma forma expressa na matéria da arte”⁵. Natureza e arte, portanto, produzem substâncias e Aristóteles discute vigorosamente a diferença entre estes dois tipos de substância na *Física* (193a 15).

Em *Física II*, Aristóteles acena com outra analogia entre arte e natureza, que é decorrente da noção de imitação do processo natural. Um objeto natural carrega seu princípio

² *Theory of criticism*, 1976, p.86

³ *Fiction et Diction*, 1991

⁴ *Il concetto di fare in Aristotele*, 1961

⁵ Op. cit. p.91

Lemos, Carlos de Almeida
A imitação em Aristóteles

de desenvolvimento imanentemente dentro de si com um *télos*, e o exemplo famoso é o da glândula que já traz a forma do carvalho dentro de si: arte imitando o processo natural inclui a finalidade. Assim, arte e natureza são ligadas como causas que operam em vista de fins, analogia entre o produzir artístico e o devir natural apoiada sobre a noção de finalidade. As coisas aconteceriam ou por natureza e arte ou por acaso, segundo Aristóteles. Por natureza, quando em vista de algum fim; por acaso, quando os fatos são subtraídos às leis da finalidade, nos quais um fim se produz sem ser perseguido.

E qual seria a finalidade da arte?

Os processos naturais têm etapas, momentos sucessivos de desenvolvimento, como os processos artísticos (“se uma casa fosse um objeto natural se produziria da maneira como é produzida pela arte” – 199 a 8). Aristóteles vai justificar sua afirmação com uma das noções que lhe são mais caras, a noção de ordem. “Se as coisas artificiais são em vista de um fim, o serão também aquelas naturais; em relação semelhante estão de fato entre elas o primeiro e o depois nas coisas produzidas pela arte e naquelas operadas pela natureza” (199a 18). Portanto para que haja um sentido e se torne necessário, a ordem do desenvolvimento exige um fim.

É o momento em que se deve dizer que o *télos* de uma e outra não são afins. A natureza não faz o que faz a arte, nem a arte faz o que faz a natureza. No entanto essas suas finalidades parecem que procuram adequar-se nas capacidades e carências; o que define, então, com maior precisão, que Aristóteles tem em mente um caráter essencial comum a ambas e não um significado literal de *mimesis* como reprodução. Falar de carência na natureza poderia fazer com que os mecanicistas trouxessem à discussão a questão dos *monstros*. Seria estranho, por outro lado, que Aristóteles admitisse que na natureza houvesse incapacidade de atingir os próprios fins; contesta ele que os monstros são erros da natureza, como os erros cometidos pelos gramáticos ao escreverem e pelos médicos ao receitarem. No entanto, há nessa argumentação, um defeito que é aquele de identificar ciência e arte, nitidamente distinguidas na *Metafísica*, pois a arte é avaliada pelos resultados e a ciência pela verdade de uma teoria e o conhecimento das causas; os erros que servem de exemplo, quando cometidos, algumas vezes, trazem conseqüências desastrosas. Procedente ou não a observação, não há como negar a regularidade da natureza e somente do ponto de vista do homem ela pode ser imputada de falhas, pois também não se sabe os desígnios da natureza, se é que ela os tem; por isso, do ponto de vista do homem, este deve vencer a natureza com a arte, porque ela não lhe dá muita importância (*Met.* 1, 847a 20). A arte, portanto, seria um modo de produzir, sempre daquele ponto de vista, com maior regularidade e segurança aqueles processos da

Lemos, Carlos de Almeida
A imitação em Aristóteles

natureza que são úteis para os homens. Sem levar em conta as discussões sobre os casos em que não há mimese propriamente dita (arquitetura, culinária, medicina), pois isto ultrapassaria os limites do presente artigo, pode-se dizer que a arte completa o trabalho da natureza em vista a um fim ou reproduz os objetos naturais.

É nos *Meteorológicos* que a afirmação a arte imita a natureza aparece assim formulada numa frase conclusiva: μιμῆται γὰρ τέχνη τὴν φύσιν (IV, 3.381b 6). Nesse texto se confirma a concepção de imitação para Aristóteles, como a semelhança entre a arte e a natureza fundada sobre a produção em vista dos fins e, portanto, ordenadamente; também está a finalidade da arte como complemento da natureza, com um aspecto utilitário (no texto referido, a arte culinária), o que traz problemas quando se trata das belas-artes. Neste momento pode-se trazer outra complementação dada por Aristóteles à arte (na *Retórica*, II, 19 1392b 5-6): ela não estaria oposta à natureza, mas à *τύχη* (sorte, fortuna). Aí ele diz que é verdade que se podem fazer as coisas sem arte e sem aparato, mas com arte as coisas são mais bem produzidas. Essa aproximação da arte à *τύχη* se acha ainda em um passo da *Poética* (54a 9): “não por arte, mas por fortuna”, e com o mesmo raciocínio, pois Aristóteles considera que as ações intencionais são objetos de melhores imitações do que aquelas ocasionais ou fortuitas. Esses dois exemplos não provam muita coisa, mas assinalam para resultados positivos que podem ser atingidos se houver aplicação da arte, podendo o homem melhor atender às suas necessidades sem sofrer as inconveniências do acaso e da fortuna. Imitação seria, então, reproduzir numa maneira, de certo modo, purificada e depurada. A distância de Aristóteles para o Platão que via a imitação como um processo de aviltamento, se acentua, assim consideravelmente.

No texto de *Sobre o mundo* (5, 396b 12), o cosmo é apresentado como constituído pelos opostos, o que é normal na natureza, onde se opõem o quente e o frio, o seco e o úmido; o que acontece também com a arte, que é imitadora da natureza; por exemplo: a pintura, que opõe as cores; a música, que mistura o grave e o agudo; a gramática, que harmoniza vogais e consoantes. Diante de elementos que se opõem, a arte se empenha em organizá-los com um fim que determina essa própria organização, pois tal organização é a característica da substância; o texto, acentuando a organização, traz uma clareza maior à analogia dos processos naturais e artísticos; ambos são fatores de ordem, unidade e harmonia dos contrários; a arte imita a natureza, porque tem à sua volta um cosmo (ordem); esse conceito de imitação fundado na *cosmicidade* da arte poderia ser aplicado de maneira desigual, quer se tratasse das belas-artes, quer das outras artes em geral, no entanto, o texto não dá muita margem para que

Lemos, Carlos de Almeida
A imitação em Aristóteles

se estabeleçam diferenças. É de notar que o exemplo primeiro é a pintura (arte que produz imagens – *eikónas*) que, imitando realisticamente a natureza, levantou no mestre suspeitas de fomentar a ilusão, mas parece que para o discípulo é fundamento para uma argumentação positiva. Outros aspectos dessa exemplificação dizem respeito à indefinição da música e da gramática como artes imitativas. Sobre a gramática é verdade que na *Retórica* (III, 1, 1404 a - 15-20) Aristóteles fala dos nomes como imitação das coisas; sem esquecer que a concepção de significação em Aristóteles passa pela questão da essência da coisa, quase que numa relação em que a palavra reproduz a coisa.

Além dessas obras, há observações rápidas sobre a imitação ainda em outras como o *Protréptico* (fragmentos que foram reunidos, constituindo uma restauração de sentido dos textos exotéricos de Aristóteles), e a *Metafísica*. No *Protréptico*, a noção de imitação toma um desdobramento que a torna de uma abrangência não suspeitada, se se for pensar na vulgarizada como ela aparece na fórmula célebre. Por esse fragmento do *Protréptico*, a imitação seria não só reproduzir coisas que são também produzidas na natureza, mas também aumentar a possibilidade dela de um modo inverificável na própria natureza.

Essa amplificação parece desta forma, não deixar mesmo nenhum espaço para a μίμησις que estaria assim reduzida a um caso particular de *tékhnē*, concepção que na diérese platônica se apresenta bastante clara. Por outro lado, este texto parece também deixar claro que para Aristóteles não há um conceito de arte como um operar desinteressado para completar e exprimir plenamente a natureza; não parece então que a questão (o *inverificável* só pode ser atribuído ao homem, pois a arte e a natureza não podem verificar ou falsificar nada) esteja nem na arte, nem na natureza, mas no homem, que através da arte imitaria a natureza para se ajudar e completar para si aquilo que a natureza não lhe proporciona. O homem iria, através da arte, além da natureza. Vê-se como o objeto da imitação quase perde a razão de ser posto em questão, quando o problema da finalidade se impõe de maneira tão avassaladora na obra de Aristóteles (o ser é uma *ousía* voltada para um *télos*), levando mesmo Krieger⁶ a observar: “Com nenhum objeto do lado de fora para ser examinado à luz de sua imitação, estamos numa situação difícil para distinguir uma imitação de uma autoexpressão fugaz e desnordeada.”

Gianni Vattimo opõe esta análise da finalidade à análise romântica que é feita da teoria da *mimesis*, que acompanha a doutrina da arte como atividade desinteressada, teoria que foi desenvolvida por Kant e que se transformou numa tradição da estética, no século XIX e

⁶ Op. cit. p.77

Lemos, Carlos de Almeida
A imitação em Aristóteles

parte do século passado; encontram-se traços dessa doutrina em Schopenhauer, Nietzsche, Bergson e Yeats; segundo essa doutrina o mundo exterior (o objeto) é negado, ou porque, em si, é inacessível ao conhecimento ou porque a linguagem não dá conta dele, ficando o homem fadado a mover-se no mundo da vontade; interpretações que são completamente estranhas a Aristóteles. Não se pode esquecer que Aristóteles atribui às ideias de Platão apenas a versão de que elas constituiriam entidades separadas, com existência em si e para si; enquanto que, para ele, o objeto se ligaria à ideia viva e ativa na mente do artífice. No livro Z, capítulo VIII, da *Metafísica*, ele exclui a necessidade de ideias separadas como exemplares, conforme observa Vattimo, “basta que o ser gerador aja segundo a forma que tem em si (individuada) e seja de tal modo causa de tal forma em um outro ser.” Para Aristóteles, mesmo quando fala de mimese, esta tem um sentido propriamente ativo, por isso não mais rigorosamente platônico. Vattimo⁷ sublinha que: “como a ideia para Aristóteles não é mais externa ao objeto, assim o produto artístico em definitivo imita não tanto enquanto reproduz, mas enquanto é estruturado, tem uma forma.”

Referências Bibliográficas

- GENETTE, G. *Fiction et Diction*. Paris: Seuil, 1991.
- KRIEGER, M. *Theory of criticism*. Baltimore, Londres: The Johns Hopkins University Press, 1976.
- MURDOCH, I. *The fire and the sun*. Oxford: Oxford University Press, 1977.
- VATTIMO, G. *Il concetto di fare in Aristotele*. Turim: Università di Torino, 1961.

[Recebido em dezembro de 2009; aceito em dezembro de 2009.]

⁷ Op. cit. p.33